

Lara Adrian

AS PORTAS
DA
MEIA-NOITE

Tradução
Margarida Malcato

*Quinta Essência**



1

*V*ida... ou morte?

As palavras flutuavam através da escuridão. Sílabas soltas. O arranhar áspero de uma voz aborrecida e sem ar que alcançava o dormitar pesado da sua mente e a forçou a despertar, a ouvir. A escolher.

Vida?

Ou morte?

Ela gemeu contra o chão frio por baixo da face, tentando apagar a voz e a decisão implacável que esta exigia da sua mente. Não era a primeira vez que ouvia aquelas palavras, aquela pergunta. Não era a primeira vez no intervalo de umas horas intermináveis que abria uma pálpebra pesada na calma gelada da sua casa e dava consigo a olhar para a terrível cara de um monstro.

Vampiro.

– Escolhe – sussurrou a criatura, arrastando a palavra. Agachou-se junto dela e curvou-se, arrepiando-se no chão junto da lareira fria. As suas presas brilharam ao luar, afiadas, letais. As pontas ainda estavam manchadas de sangue fresco, o sangue dela, proveniente da dentada que ele lhe dera na garganta minutos antes.

Ela tentou levantar-se, mas não conseguiu despertar os músculos enfraquecidos que nem sequer se fletiram. Tentou falar,

mas só conseguiu soltar um gemido rouco. Sentia a garganta seca como cinzas, a língua grossa e apática na boca.

Lá fora, o inverno do Alasca rugia, amargo e impiedoso, enchendo-lhe os ouvidos. Ninguém ouviria os seus gritos, mesmo que gritasse com força.

A criatura poderia matá-la num abrir e fechar de olhos. Não sabia porque ainda não o fizera. Não sabia por que razão a pressionava para responder a uma pergunta que ela fizera a si própria quase todos os dias durante os últimos quatro anos.

Desde o acidente que lhe levara o marido e a filha pequena.

Quantas vezes desejou ter morrido com eles naquela autoestrada gelada e extensa? Tudo teria sido muito mais fácil e menos doloroso se ela tivesse morrido.

Conseguia sentir um julgamento silencioso nos olhos quietos e inumanos da criatura, fixados agora nela, no escuro, brilhantes e mordazes, com pupilas finas como as de um gato. Marcas complexas na pele ocupavam toda a cabeça careca e o imenso corpo da criatura. O padrão desenhado parecia pulsar com uma cor violenta à medida que ele a olhava. O silêncio estendeu-se enquanto ele a examinava pacientemente, como a um inseto preso dentro de um frasco de vidro.

Desta vez, quando ele voltou a falar, os seus lábios não se mexeram. As palavras penetraram o crânio dela como fumo e afundaram-se profundamente na sua mente.

A decisão é tua, humana. Diz-me o que vai ser: vida ou morte?

Ela virou a cabeça para o lado oposto e fechou os olhos, recusando olhar para a criatura. Recusando fazer parte do jogo privado e silencioso que ele parecia estar a jogar com ela. Um predador a brincar com a presa, observando-a retorcer-se enquanto decide se há de ou não poupá-la.

O final depende de ti. Tu decidirás.

– Vai-te lixar – disse ela, arrastando as palavras numa voz grave e rouca.

Dedos fortes como o ferro agarraram-lhe o queixo e viraram-lhe a cara para que voltasse a olhar para ele. A criatura ergueu a cabeça, com olhos felinos, cor de âmbar e sem expressão, exalando um suspiro áspero e falando depois através de lábios e presas manchados de sangue.

– Escolhe o teu destino. Já não tens muito tempo.

Não havia impaciência na voz que rosnava perto do rosto dela, apenas indiferença. Uma apatia que parecia dizer que não se importava minimamente com a resposta que ela desse.

Ela ficou cheia de raiva. Queria mandá-lo à merda, dizer-lhe que a matasse e acabasse com aquilo de uma vez por todas, se era o que tencionava fazer. Não faria com que ela implorasse, maldição. Sentiu uma coragem insubordinada dentro de si, empurrando a raiva para a sua garganta ressequida e para a ponta da língua.

Contudo, as palavras não surgiam.

Não era capaz de pedir-lhe a morte. Nem sequer quando esta parecia ser o único escape do terror que a mantinha presa. O único escape para a dor da perda das duas pessoas que mais amava no mundo e da existência aparentemente sem sentido que fora tudo o que lhe restara desde o seu desaparecimento.

Ele soltou-a do seu aperto forte e observou-a com uma calma exasperante enquanto ela se agachava de novo no chão. O tempo estendia-se, incrivelmente longo. Ela esforçou-se para recuperar a voz, para pronunciar a palavra que a salvaria ou condenaria. Ainda curvado junto a ela, balançou nos calcanhares e ergueu a cabeça numa deliberação silenciosa.

Depois, para horror e confusão dela, ele estendeu o braço esquerdo e cravou profundamente uma unha na carne acima do pulso. O sangue jorrou da ferida, gotejando, gotas escarlates a caírem nas tábuas de madeira por baixo dele. Ele enfiou o dedo na ferida, perfurando o músculo e os tendões do braço.

– Oh, meu Deus, o que estás a fazer? – A repugnância reavivou-lhe os sentidos. O seu instinto clamou com o pressentimento

de que algo terrível estava prestes a acontecer; talvez até pior do que o horror do seu cativeiro junto daquele ser repugnante que a prendera há algumas horas para poder alimentar-se do seu sangue. – Oh, meu Deus. Por favor, não. Que raio estás a fazer?

Ele não respondeu. Nem sequer olhou para ela até retirar algo minúsculo da sua carne, agarrando-o agora com os dedos ensanguentados. Pestanejou devagar e fechou brevemente os olhos antes de olhá-la com um brilho hipnótico cor de âmbar.

– Vida ou morte – sibilou a criatura, com olhos semiabertos e impiedosos. Inclinou-se para ela, com o sangue ainda a escorrer da ferida autoinfligida no braço. – Tens de decidir, agora.

Não, pensou ela, desesperadamente. *Não*.

Uma onda de fúria surgiu profundamente dentro dela. Não conseguiu detê-la. Não conseguiu engolir a raiva que lhe subiu até à garganta e explodiu na boca na forma de um grito.

– Não! – Ergueu os pulsos e bateu com força na carne inumana e dura dos ombros nus da criatura. Bateu-lhe furiosamente com toda a força que era capaz de reunir, apreciando a dor dos impactos dos murros que lhe dava no corpo. – Maldito seja! Afasta-te de mim! Não me toques!

Voltou a esmurrá-lo, vezes sem conta. Apesar disso, ele aproximou-se.

– Deixa-me em paz, raios! Vai-te embora!

Os seus nós dos dedos bateram nos ombros e nas partes laterais do crânio dele, soco após soco, mesmo quando uma escuridão pesada pairou sobre ela. Sentia tudo espesso à volta, um manto ensopado que lhe tornou os movimentos lentos e os pensamentos confusos.

Os seus músculos afrouxaram, recusando-se a cooperar. Mesmo assim, continuava a bater na criatura, atingindo-a lentamente, como se estivesse a esmurrá-la no meio de um oceano negro e cheio de alcatrão.

– Não – murmurou ela, fechando os olhos perante a escuridão que a rodeava. Continuava a afundar-se. Cada vez mais

fundo em direção a um vazio sem som, sem peso e sem fim.
– Não... deixa-me ir. Maldito sejas... deixa-me ir...

Depois, quando parecia que a escuridão que a envolvia nunca mais a soltaria, ela sentiu algo frio e húmido na testa. Vozes a falarem numa confusão incompreensível por cima da sua cabeça.

– Não – murmurou. – Não. Deixa-me ir...

Invocando a última réstia de força e vontade que possuía, deu mais um murro na criatura que a detinha. Um músculo rijo absorveu o golpe. Ela agarrou-se ao captor, segurando-o, arranhando-o. Assustada, sentiu as pregas do tecido suave amontoarem-se nas suas mãos. Lã quente e tricotada. Não a pele pegajosa e nua da criatura que invadira a sua casa e a mantinha prisioneira.

A confusão lançou uma advertência na sua mente inerte.

– Quem... não, não me toques...

– Jenna, consegues ouvir-me? – O barítono profundo que soava perto do seu rosto parecia-lhe familiar. Estranhamente reconfortante.

Apelou a algo profundo dentro de si, dando-lhe qualquer coisa a que se agarrar quando não tinha nada a não ser o mar escuro e insondável em seu redor. Gemeu, ainda perdida, mas sentindo uma réstia de esperança de que poderia sobreviver.

A voz baixa que ela tanto precisava de ouvir falou outra vez.

– Kade, Alex. Bolas, ela está a sair. Acho que está finalmente a despertar.

Ela respirou fundo, desejando ar.

– Deixa-me ir – murmurou, sem saber se podia confiar nos seus sentimentos. Sem saber se podia confiar no que quer que fosse. – Oh, Deus... por favor, não... não me toques. Não...

– Jenna? – Ali perto, uma voz feminina ganhou forma acima dela. Tons ternurentos e preocupação séria. Uma amiga. – Jenna, querida, sou eu, a Alex. Estás bem, agora. Percebes? Estás a salvo, juro.

Registou lentamente as palavras que traziam consigo um sentimento de alívio e consolo. Uma sensação de paz, apesar do horror que ainda lhe percorria as veias.

Com esforço, abriu as pálpebras e pestanejou para afastar o atordoamento que se agarrava aos seus sentidos como um véu. Três formas pairavam à sua volta, duas enormes, indiscutivelmente machos, e outra alta e magra, fêmea. A sua melhor amiga do Alasca, Alexandra Maguire.

– O que... onde estou...

– Chiu – acalmou Alex. – Não digas nada. Está tudo bem. Estás a salvo. Agora vais ficar bem.

Jenna pestanejou e esforçou-se para se concentrar. Aos poucos, as formas em redor da sua cama tornaram-se humanas. Meio sentada, apercebeu-se de que os punhos ainda apertavam a grande camisola de lã usada pelo maior dos dois machos. O enorme afro-americano de olhar penetrante, com cabelo rapado e ombros largos, cuja voz profunda a ajudara a sair do terror absorvente do seu pesadelo.

O tal que ela esmurrara sabe-se lá por quanto tempo, pensando tratar-se da criatura infernal que a atacara no Alasca.

– Olá – murmurou ele, curvando gentilmente a boca larga. Os olhos penetrantes e castanho-escuros prenderam-lhe o olhar. O sorriso caloroso curvou-se com um reconhecimento tácito à medida que ela soltava o aperto mortífero e se encostava de novo à cama. – Ainda bem que decidiste juntar-te à terra dos vivos.

Jenna franziu o sobrolho com o leve humor, lembrando-se da terrível escolha que fora obrigada a fazer pelo seu atacante. Expirou um suspiro áspero enquanto lutava por absorver o novo e desconhecido ambiente. Sentia-se um pouco como Dorothy ao acordar no Kansas depois da sua viagem a Oz.

Só que, naquele caso, a terra de Oz parecera um tormento interminável. Uma viagem aterradora a uma espécie de inferno embebido de sangue.

Pelo menos o horror dessa provação já tinha passado.

Olhou para Alex.

– Onde estamos?

A amiga aproximou-se e pousou-lhe uma toalha fria e húmida na testa.

– Estás a salvo, Jenna. Nada te poderá magoar neste lugar.

– Onde? – perguntou Jenna, sentindo um pânico estranho a crescer. Embora a cama onde estava deitada fosse fofa, cheia de almofadas e cobertores, ela não pôde deixar de reparar nas paredes brancas, na frota de aparelhos médicos e leitores digitais que enchiam o quarto. – O que é isto? Um hospital?

– Não exatamente – respondeu Alex. – Estamos em Boston, numas instalações privadas. Era o local mais seguro para te trazer. O lugar mais seguro para todos nós.

Boston? Numas instalações privadas? A explicação vaga não a fez sentir-se melhor.

– Onde está o Zach? Preciso de vê-lo. Tenho de falar com ele.

A expressão de Alex empalideceu um pouco após Jenna mencionar o irmão. Fez um longo silêncio. Demasiado longo. Olhou por cima do ombro, para o outro homem que se encontrava atrás dela. Ele parecia vagamente familiar a Jenna, com o cabelo preto espetado, olhos penetrantes cor de prata e maçãs do rosto salientes. Alex pronunciou o seu nome num sussurro tranquilo.

– Kade...

– Vou buscar o Gideon – disse ele, oferecendo-lhe uma carícia quando falou. Aquele homem, Kade, era obviamente um amigo de Alex. Um amigo íntimo. Ele e Alex pertenciam um ao outro; mesmo num estado pouco consciente, Jenna conseguia sentir o amor profundo que ligava o casal. Ao afastar-se de Alex, Kade olhou para o outro homem que se encontrava na sala.

– Brock, certifica-te de que tudo permanece calmo até eu voltar.

A cabeça escura assentiu uma vez, gravemente. No entanto, quando Jenna olhou para ele, o grande homem chamado Brock retribuiu-lhe o olhar com a mesma calma meiga com que a cumprimentara quando ela abrira os olhos naquele lugar estranho.

Jenna engoliu em seco uma sensação de medo que lhe subia pela garganta.

– Alex, diz-me o que se passa. Sei que fui... atacada. Mordida. Oh, Jesus... havia uma... *criatura*. Conseguiu entrar em minha casa e atacou-me.

A expressão de Alex era pesada e a sua mão terna poisou na de Jenna.

– Eu sei, querida. Sei que o que passaste deve ter sido horrível. Mas nós estamos aqui agora. Sobreviveste, graças a Deus.

Jenna fechou os olhos enquanto um soluço lhe abafava a garganta.

– Alex, ela... ela *alimentou-se de mim*.

Brock aproximara-se da cama sem ela perceber. Manteve-se junto dela e acariciou-lhe o pescoço com as pontas dos dedos. As suas grandes mãos estavam quentes e eram incrivelmente ternas. Foi uma sensação muito estranha, a paz que emanou da suave carícia.

Uma parte dela queria rejeitar o toque não solicitado, contudo, uma outra parte – a mais carente e vulnerável que ela detestava reconhecer, quanto mais satisfazer – não conseguiu recusar o consolo. A batida do seu coração acalmou com o ritmo gentil dos dedos dele, que viajavam suavemente para cima e para baixo ao longo da sua garganta.

– Melhor? – perguntou ele, calmamente, enquanto afastava a mão.

Ela suspirou com força e assentiu.

– Preciso mesmo de ver o meu irmão. O Zach sabe que estou aqui?

Os lábios de Alex contraíram-se quando um silêncio doloroso invadiu o quarto.

– Jenna, querida, não te preocupes com nada nem com ninguém, está bem? Passaste por muito. Deixa-nos cuidar de ti e certificarmo-nos de que ficas bem. O Zach também havia de querer isso.

– Onde está ele, Alex? – Apesar de não usar o distintivo nem o uniforme da polícia estadual do Alasca havia vários anos, Jenna percebia quando alguém evitava os factos. Percebia quando alguém tentava proteger outra pessoa, poupá-la à dor. Tal como Alex estava a fazer com ela naquele momento. – O que aconteceu ao meu irmão? Preciso de o ver. Passou-se qualquer coisa com ele, Alex, consigo percebê-lo no teu rosto. Tenho de sair daqui, agora.

A enorme mão de Brock ia tocar-lhe outra vez, porém, Jenna desviou-a. Tratara-se apenas de um pequeno movimento de pulso, mas bateu-lhe como se tivesse usado toda a força – e algo mais – na ação.

– Que diabo? – Os olhos de Brock semicerraram-se, revelando um brilho perigoso no olhar escuro que desapareceu antes de ela poder ver exatamente o que era.

Naquele preciso momento, Kade voltou ao quarto trazendo dois homens consigo. Um era alto e magro, com um corpo atlético, uma coroa despenteada de cabelo loiro, e óculos de sol azul pálidos na ponta do nariz que lhe davam um ar de cientista maluco. O outro, com cabelo escuro e rosto sombrio, mantinha uma pose de rei medieval cuja presença parecia concentrar todas as atenções e sugar todo o ar do recinto.

Jenna engoliu em seco. Enquanto ex-agente de autoridade, estava habituada a enfrentar homens com mais de metade do seu tamanho, sem vacilar. Nunca se deixara intimidar com facilidade, contudo, ao olhar para as centenas de quilos de músculos e força bruta dos quatro homens que agora a cercavam – já para não falar do ar letal que todos pareciam usar como segunda pele – achou extremamente difícil suportar os olhares críticos, quase desconfiados, que cada um deles lhe dirigia.

Independentemente do sítio, independentemente da identidade daqueles homens com quem Kade se dava, Jenna tinha a impressão de que as instalações privadas não eram, de todo, um hospital. E de certeza não eram um clube de campo.

– Ela só acordou há uns minutos? – perguntou o homem loiro, revelando uma ligeira pronúncia inglesa. Após Brock e Alex assentirem, aproximou-se da cama. – Olá, Jenna. Eu sou o Gideon. Este é o Lucan – disse ele, apontando para a montanha de homem que agora se encontrava junto a Brock, na outra ponta do quarto. Gideon franziu o sobrolho ao olhá-la por cima dos óculos. – Como te sentes?

Ela retribuiu o franzir do sobrolho.

– Como se tivesse sido atropelada por um autocarro. Um autocarro que aparentemente me arrastou do Alasca até Boston.

– Era a única maneira – interveio Lucan num tom autoritário e confiante. Não havia dúvida de que era o líder. – Deténs demasiada informação e precisas de cuidados especiais e observação.

Ela não gostou daquelas palavras.

– Preciso é de voltar para casa. Independentemente do que *o monstro* me fez, sobrevivi. Não preciso de nenhum cuidado especial ou observação porque estou ótima.

– Não – retorquiu Lucan, sério. – Não estás ótima. Longe disso, aliás.

Embora ele não tenha sido cruel nem ameaçador, ela sentiu um arrepio frio atravessar-lhe o corpo. Olhou para Alex e Brock – as duas pessoas que poucos minutos antes lhe tinham assegurado que estava bem, que estava salva. As duas pessoas que haviam conseguido confortá-la depois de ter despertado de um pesadelo cujo sabor ainda sentia na língua. Agora, nenhum deles falava.

Desviou o olhar, irritada, e sem medo do significado daquele silêncio.

– Tenho de sair daqui. Quero ir para casa.

Quando começou a levantar-se da cama, não foi Lucan, Brock ou outro homem qualquer que a deteve, foi Alex. A melhor amiga de Jenna aproximou-se para pará-la com um expressão sóbria no rosto que era mais eficaz do que toda a força bruta aglomerada no quarto.

– Jen, tens de me ouvir. A todos nós. Há coisas que tens de compreender... sobre o que aconteceu no Alasca e sobre outras que precisamos de tirar a limpo. Coisas que se calhar só tu és capaz de responder.

Jenna abanou a cabeça.

– Não sei do que estás a falar. A única coisa que sei é que fui capturada e atacada, mordida e ferida, por algo pior do que um pesadelo. Ainda pode andar à solta em Harmony. Não posso ficar aqui sentada sabendo que o monstro que me aterrorizou pode estar a fazer o mesmo ao meu irmão ou a outra pessoa qualquer.

– Isso não acontecerá – disse Alex. – A criatura que te atacou, um Antigo, morreu. Já ninguém corre perigo em Harmony. O Kade e os outros certificaram-se disso.

Jenna não ficou muito aliviada, pois, apesar da boa notícia de que o seu atacante tinha morrido, ainda sentia algo frio no coração.

– E o Zach? Onde está o meu irmão?

Alex olhou para Kade e Brock, que se aproximaram da cama. Abanou levemente a cabeça com os olhos castanhos tristes por baixo das ondas escadeadas do cabelo loiro-escuro.

– Oh, Jenna... Lamento muito.

Ela absorveu as palavras da amiga, relutante em compreendê-las. O seu irmão, o último familiar que possuía, morrera?

– Não. – Engoliu em seco a negação, sentindo uma tristeza imensa subir-lhe pela garganta enquanto Alex a abraçava e consolava.

Perante a dor, surgiram algumas recordações: a voz de Alex chamando-a à porta de casa onde a criatura atacara Jenna na

escuridão. Os gritos zangados de Zach, uma ameaça mortal em cada sílaba, mas ameaça dirigida a quem? Não percebera na altura. Agora, já não sabia se tinha importância.

Ouvira um tiro fora de casa segundos antes de a criatura saltar e se lançar sobre os painéis de madeira da porta da frente e sair para o pátio cheio de neve e árvores. Lembrou-se dos gritos agudos do irmão. O terror cru que precedeu um silêncio aterrador.

Depois... nada.

Nada, a não ser um sono profundo e artificial e uma escuridão infinita.

Jenna soltou-se do aperto de Alex, contendo a dor. Não perderia a compostura, não diante daqueles homens de semblante fechado que a fitavam com um misto de pena e interesse curioso e interrogativo.

– Vou-me embora – disse ela, tentando encontrar o tom autoritário de polícia que lhe dera tanto jeito quando era agente. Levantou-se, sentindo as pernas um pouco trémulas. Ao desequilibrar-se um pouco para o lado, Brock tentou ampará-la, contudo, ela endireitou-se antes que ele pudesse oferecer a assistência não pedida. Não precisava que ninguém a mimasse, a fizesse sentir-se fraca. – Alex, mostra-me a saída.

Lucan aclarou fortemente a garganta.

– Ah, receio bem que não – interrompeu Gideon, com uma educada e, ao mesmo tempo, firme pronúncia britânica. – Precisamos da tua ajuda, agora que estás acordada e lúcida.

– Da minha ajuda? – Jenna franziu o sobrolho. – Da minha ajuda para quê?

– Precisamos de perceber exatamente o que aconteceu entre ti e o Antigo durante o tempo em que ele esteve contigo. Mais especificamente, se te disse alguma coisa ou forneceu algum tipo de informação.

Ela troçou.

– Desculpem. Já passei pela provação uma vez. Não tenho qualquer interesse em revivê-la pormenorizadamente para vocês.

Obrigada, mas, não, obrigada. O que tenho a fazer é esquecê-la o quanto antes.

– Tens de considerar uma coisa, Jenna. – Desta vez, foi Brock quem falou. A sua voz era baixa, mais preocupada do que exigente. – Por favor, ouve-nos.

Ela fez uma pausa, indecisa, e Gideon preencheu o silêncio da sua incerteza.

– Temos estado a observar-te desde que chegaste ao complexo – disse ele, caminhando em direção a um painel que se encontrava na parede. Escreveu algo no teclado e um ecrã plasma desceu do teto. A imagem de vídeo que surgiu era aparentemente dela, dormindo naquele mesmo quarto. Nada de extraordinário, apenas ela, imóvel na cama. – As coisas começam a ficar interessantes a partir da quadragésima terceira hora.

Ele escreveu um comando que fez avançar a gravação até ao instante que referiu. Jenna viu-se no ecrã, viu o corpo mover-se, contorcer-se e bater violentamente na cama. Murmurava algo durante o sono, uma cadeia de sons, palavras e frases, tinha a certeza, ainda que não as conseguisse compreender.

– Não percebo. O que se passa?

– Temos esperança de que nos possas dizer – respondeu Lucan. – Reconheces a língua que estás a falar?

– Língua? A mim parecem-me só um monte de disparates.

– Tens a certeza? – Não pareceu convencido. – Gideon, põe o próximo vídeo.

Apareceu outro vídeo no ecrã com imagens avançadas rapidamente para mostrar um novo episódio ainda mais desconcertante do que o primeiro. Jenna observou, paralisada, o seu corpo pontapear e contorcer-se, acompanhado pela banda sonora surreal da sua própria voz a dizer algo que não lhe fazia sentido nenhum.

Não se assustava facilmente, contudo, aquele vídeo saído de uma ala psiquiátrica era a última coisa que precisava ver depois de tudo o que passara.

– Desliga – murmurou ela. – Por favor. Não quero ver mais nada.

– Temos horas de filmagens como esta – disse Lucan enquanto Gideon desligava o vídeo. – Pusemos-te em observação o tempo todo.

– O tempo todo – repetiu Jenna. – Há quanto tempo estou aqui?

– Há cinco dias – respondeu Gideon. – A princípio, pensávamos tratar-se de um coma derivado do trauma, só que os teus sinais vitais estiveram sempre normais. As tuas análises sanguíneas também estão normais. Do ponto de vista médico, estiveste simplesmente... – Ele pareceu procurar a palavra certa. – A dormir.

– Durante cinco dias – disse ela, querendo ter a certeza de que entendia. – Ninguém adormece durante cinco dias seguidos. Deve passar-se alguma coisa comigo. Jesus, depois de tudo o que aconteceu eu devia ir ao médico, a um hospital a sério.

Lucan abanou gravemente a cabeça.

– O Gideon é melhor do que qualquer médico que possa observar-te. Este tipo de coisa não pode ser tratado pelos vossos médicos.

– Nossos médicos? Que raio queres dizer com isso?

– Jenna – disse Alex, pegando-lhe na mão. – Sei que deves estar confusa e assustada. Eu própria estive assim há pouco tempo, apesar de não conseguir imaginar aquilo por que passaste. Mas tens de ser forte. Tens de acreditar em nós, em mim, quando dizemos que não podias estar em melhores mãos. Vamos ajudar-te. Vamos descobrir o que se passa contigo, prometemos.

– Descobrir o quê? Diz-me. Tenho de saber o que realmente se passa, bolas!

– Deixa-a ver os raios X – murmurou Lucan a Gideon, que pressionou rapidamente umas teclas que fizeram aparecer uma imagem no ecrã.

– O primeiro foi feito minutos após a tua entrada no complexo – explicou ele, à medida que apareciam o crânio e a coluna

vertebral. No cimo das vértebras, algo pequeno como um grão de arroz brilhava, reluzente.

Depois de Jenna conseguir encontrar a voz, falou com um pequeníssimo tremor.

– O que é isso?

– Não sabemos – respondeu Gideon gentilmente. Trouxe outro raio X. – Este foi feito vinte e quatro horas depois. Podes ver as gavinhas que começam a sair do objeto.

Enquanto olhava, Jenna sentiu os dedos de Alex apertarem os dela. Apareceu uma nova imagem no ecrã que mostrava as gavinhas a saírem do objeto e a abraçarem a coluna vertebral.

– Oh, Deus – suspirou ela, levando a mão livre à nuca. Pressionou-a com força e quase vomitou ao sentir a pequena elevação. – Foi ele que me fez isto?

Vida... ou morte?

A escolha é tua, Jenna Tucker-Darrow.

Lembrou-se outra vez das palavras da criatura, da ferida que ela fizera a si própria e do objeto escondido que retirara da carne.

Vida, ou morte?

Escolhe.

– Ele pôs algo dentro de mim – murmurou ela.

O ligeiro desequilíbrio que sentira há minutos voltou. Os joelhos dobraram-se, porém, antes que ela fosse parar ao chão, Brock e Alex agarraram-lhe os braços, oferecendo o seu apoio. Apesar de ser terrível, Jenna não conseguia desviar os olhos da radiografia que ocupava o ecrã.

– Oh, meu Deus – gemeu. – O que me fez aquele monstro? Lucan olhou para ela.

– É o que pretendemos descobrir.

